

## IMPACTOS DA DEPENDÊNCIA DE INTERNET NA AUTOESTIMA DO ADOLESCENTE

**Eva Maria Marinho Assunção**

Universidad Del Sol

<http://lattes.cnpq.br/0919161741796467>

<https://orcid.org/0009-0008-7625-1726>

E-mail: [dra.rosangela.delvecchio@gmail.com](mailto:dra.rosangela.delvecchio@gmail.com)

**Rosângela Couras Del Vecchio**

Faculdade Escola Sobral de Oliveira - FAESDO

<http://lattes.cnpq.br/6083380778502377>

<https://orcid.org/0009-0006-9584-6069>

E-mail: [dra.rosangela.delvecchio@gmail.com](mailto:dra.rosangela.delvecchio@gmail.com)

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3-51>

**RESUMO:** Sabe-se que existem distintas características na adolescência, onde essas são vivenciadas por cada pessoa de uma forma única e particular, sofrendo impactos do tempo, grupo social e até com as diferentes culturas. Por isso, há uma necessidade de se dedicar uma atenção maior a esse período etário, pois há indícios de uma possível associação entre a entrada precoce na puberdade e a adoção de comportamentos de riscos à saúde. O objetivo desta pesquisa visa apresentar os impactos da dependência de internet na ansiedade. A metodologia utilizada trata-se de revisão narrativa, na qual busca fornecer informações mais abrangentes sobre um tema, cuja abordagem é de cunho qualitativo. Para a elaboração desse estudo, foi realizado um levantamento bibliográfico na literatura, assim, buscou-se artigos dispostos nas bases eletrônicas confiáveis como Scielo, Google Acadêmico e Revistas (Pubmed, Lilacs...) que contemplassem a temática de transtorno de ansiedade vinculado ao uso das tecnologias por adolescente. O resultado da busca totalizou o quantitativo de trezentos e trinta e oito produções. Com isso, obteve-se como resultado onde reconhece-se hoje que os impactos da dependência de internet na autoestima do adolescente é muito forte, pois quando rejeitado ou aceito causa-lhes grande crescimento de autoestima.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologias. Autoestima. Inovações. Internet.

### IMPACTS OF INTERNET DEPENDENCE ON ADOLESCENTS' SELF-ESTEEM

**ABSTRACT:** It is known that there are different characteristics in adolescence, where each person experiences them in a unique and particular way, suffering impacts from time, social group and even different cultures. Therefore, there is a need to dedicate greater attention to this age period, as there are indications of a possible association between the early onset of puberty and the adoption of health risk behaviors. The aim of this research is to present the impacts of internet addiction on anxiety. The methodology used is a narrative review, which seeks to provide more comprehensive information on a topic, whose approach is of a qualitative nature. For the elaboration of this study, a bibliographical survey was carried out in the literature, thus, articles arranged in reliable electronic databases such as Scielo, Google Scholar and Magazines (Pubmed, Lilacs...) were sought that addressed the theme of anxiety disorder linked to the use of technologies

per teenager. The result of the search totaled three hundred and thirty-eight productions. With this, we obtained a result where it is recognized today that the impacts of internet addiction on the teenager's self-esteem is very strong, because when rejected or accepted it causes a great growth in self-esteem.

**KEYWORDS:** Technologies. Self esteem. Innovations. Internet.

## INTRODUÇÃO

A saúde do adolescente tem sido vista, na atualidade, como algo muito preocupante, pois está impactando e provocando novas necessidades no sistema de saúde. Desta forma, caracterizando um dos grandes desafios no que tange a implementação de políticas públicas que buscam atender às suas peculiaridades. Tornou-se uma relação a ser observada a que ocorre entre os adolescentes e a Internet, pois provocou mudanças de atitude e até certa curiosidade no que se refere a atitude comportamental.

Com isso, faz-se necessária uma avaliação da necessidade do uso de substâncias psicoativas nessa fase e a possível relação com outros tipos de transtornos, incluindo a dependência de Internet. O início de uso de substâncias psicoativas normalmente coincidir com o período da adolescência e é necessário uma atenção para que não haja a associação entre o uso precoce de substância e o desenvolvimento de dependência (BRASIL, 2017), sendo essas adicionadas a indícios de uma relação que envolve a dependência tecnológica, a ansiedade, a depressão e comumente o abuso de álcool (HO *et al.*, 2014).

Nos seus estudos Lin *et al.* (2012) apresenta o uso constante da internet, ao ponto de causar dependência, pode gerar alterações cerebrais, podendo se assemelhar às encontradas nos dependentes químicos, situações essas onde existe o abuso de álcool e outras drogas. Faz-se necessário um estudo mais aprofundado da relação do uso problemático da Internet com as potenciais consequências negativas advindas desse uso, pois vê-se que é grande a presença de adolescentes na Internet, pois é necessário a compreensão da saúde do adolescente em relação ao uso da Internet, ainda há carência de estudos que avaliem diretamente os fatores de risco a que estão expostos.

Portanto, com o aumento do acesso à Internet e, conseqüentemente, do uso dela pelo público adolescente, entende-se a relevância deste estudo, bem como associações com fatores sociodemográficos, níveis de autoestima, ansiedade e depressão, também,

com o uso das mídias sociais e de substâncias psicoativas.

De acordo com a OMS (2016) comportamentos adquiridos na adolescência podem afetar diretamente a vida do adolescente, assim como causar risco à saúde podendo afetar a qualidade de vida, perpetuando-se para a idade adulta.

A nova geração digital que envolve crianças e adolescentes possuem acesso a dispositivos, aplicativos, videogames e fácil acesso à Internet em idades cada vez mais precoces. Essa geração já nasceu dentro da tecnologia, com acesso direto a internet e aparelhos eletrônicos, então desde a infância, os hábitos podem ser moldados aos vivenciados no cotidiano e a tecnologia pode ser a responsável por modificá-los, causando grandes e irreversíveis prejuízos à saúde. Além do impacto negativo causando problemas mentais, aumentando a ansiedade, e estando relacionada a outros tipos de transtornos e problemas (SBP, 2016).

No Brasil, 86% dos indivíduos de 9 a 17 anos (24,3 milhões de adolescentes) são usuários de Internet, um aumento de 6% em relação ao último levantamento realizado no ano de 2017. Pode-se perceber que os adolescentes, portanto, são mais presentes na Internet do que a população em geral, da qual apenas 70% têm acesso à Internet (BRASIL, 2019, s/n).

Em pesquisas apresentadas por Bélanger *et al.*, (2011) e Viviero *et al.*, (2014) foi visto que desde a década de 90, o uso da Internet foi generalizada, tendo um destaque maior entre os adolescentes, nesse grupo alguns padrões alarmantes foram encontrados 73% dos adolescentes que acessavam a Internet diariamente o faziam por um período superior a uma hora diária e o uso foi mais frequente no sexo masculino (VIVEIRO *et al.*, 2014). Assim como impactou na saúde física e mental, pois comorbidades como a depressão e o sobrepeso foram percebidas. Nesse estudo, quem mais utilizava a Internet obteve os maiores escores de depressão (BÉLANGER *et al.*, 2011).

E viu-se que padrões começaram a ser gerados, entre eles estão os que apresentam maiores pontuações em testes que avaliam a dependência de Internet e possíveis associações com problemas psiquiátricos também apresentavam aumento dos sintomas depressivos e de ansiedade. Sendo a dependência de Internet relacionada à autoestima: aqueles que mostravam os maiores escores de dependência de Internet também apresentavam os menores índices de autoestima (YOUNES *et al.*, 2016).

Os autores (DELLA MÉA; BIFFE; THOMÉ FERREIRA, 2016) acreditam que a adolescência é a faixa etária que possui a maior vulnerabilidade às dependências, tais como de Internet, álcool, drogas, etc. Huang (2006) ratifica que em momentos de angústia, assim como no uso de álcool e outras drogas, as pessoas podem buscar a Internet como uma forma de fuga ou mesmo de enfrentamento das dificuldades da vida.

Alguns estudos mostram que as alterações cerebrais de indivíduos viciados no uso da internet, ou seja, dependentes de internet, pode ser como as que ocorrem em viciados em álcool ou outras drogas. Isso destaca no vício em Internet os mesmos mecanismos psicológicos e neuropsicológicos aos de outros vícios e distúrbios de controle do impulso (LIN *et al.*, 2012).

Tendo como base a relevância social desta pesquisa, acredita-se que ele ajudará na disseminação do conhecimento sobre a repercussão do uso das redes sociais para os adolescentes, assim como para a discussão sobre como encontrar intervenções eficazes para o combate a ansiedade que cada vez mais mostra-se um problema de saúde mental a ser elucidado.

## O ADOLESCENTE E SEU PROCESSO DE MUDANÇA

A adolescência é mostrada por diversos processos no crescimento e desenvolvimento biopsicossocial, a adolescência é entendida como a mudança entre a infância e a vida adulta (BRASIL, 2007).

A tecnologia não é boa nem má, pois é uma criação humana, destinada a servir, de alguma forma, os interesses do homem. Complementam ainda que na tecnologia, aquilo que pode ser considerado como bom ou mal, irá variar muito do uso que se faz delas. Cada tecnologia obedece ao seu tempo de conhecimento e desenvolvimento por ser uma criação do homem. A tecnologia é a ciência da técnica, que surge como exigência social numa etapa ulterior da história evolutiva da espécie humana (CORONEL; SILVA, 2010, p. 182).

Mesmo possuindo particularidades, a adolescência é vivida de várias formas por cada indivíduo, em cada contexto histórico, em cada grupo social e cultural, isso exige uma visão especial para suas especificidades (CAMPOS, 2012).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), adolescência compreende o período de 10 a 19 anos (OMS, 1965). Deve-se levar em consideração que

existem vários critérios diferentes para que possa-se classificar o indivíduo como adolescente.

Já no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera como adolescente o indivíduo de 12 a 18 anos de idade (BRASIL, 1990, art. 2, p. 11), embora o Ministério da Saúde do Brasil siga a convenção elaborada pela OMS (BRASIL, 2010b).

Nota-se que políticas que agregam a juventude e a adolescência entre o limite de 10 a 24 anos, dividido e abordado por três faixas etária: entre 10 a 14 anos é pré-adolescente, entre 15 a 19 anos adolescente jovens e entre 20 a 24 anos adultos jovens (HORTA; SENA, 2010).

Levando em consideração os critérios cronológicos para comprovar a adolescência, fica importante delimitar, nos trabalhos científicos, a escolha dos métodos mais apropriados, às especificidades e as concepções que os pesquisadores levam em consideração para falar e detalhar o público adolescente e jovem. Em relação ao número de adolescentes no mundo segundo a Organização das Nações Unidas (ONU,2015), a quantidade de jovens menores de 25 anos, aumentou em 3,1 bilhões de indivíduos nas últimas décadas, isso corresponde a equivalente 42% da população mundial.

De acordo com o censo no Brasil (IBGE, 2016) vê-se o quantitativo de adolescentes jovens de 16.990.887 entre 15-19 anos e de 17.166.761 pré-adolescentes entre 10 a 14 anos.

Demais dados acerca do número de adolescente, apresentam-se conforme o relatório da Situação da População Mundial, que foi publicado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), onde existem mais 1,8 bilhões de adolescentes e jovens entre 10 a 24 anos no mundo, isso equivale a uma população mundial 15 à época de 7,3 bilhões de pessoas (UNFPA, 2014), já no Brasil esses valores passam de 51 milhões.

Levando em consideração a importância que essa população tem no cenário mundial e brasileiro, assim como as particularidades experimentadas por eles, vem sendo criadas políticas públicas por instituições como a UNICEF, Organização Pan-Americana da Saúde e Ministério da Saúde do Brasil, com intuito de dar uma assistência a essa parte da população na iniciativa de garantir seu apropriado desenvolvimento biopsicossocial.

Em relação ao cuidado que esse público precisa, o Fundo das Nações Unidas para

a Infância (UNICEF) dedica-se a elaborar e divulgar publicações referente infância e adolescência, a fim de levar informação e movimentar os Poderes Executivos, Legislativo e Judiciário, como também a sociedade civil, a mídia e o setor privado (VOMMARO, 2021).

Tem também atuando na capacitação de atores a UNICEF a fim de monitorar e defender a distribuição de recursos do orçamento público para crianças e adolescentes. Além do mais, a UNICEF já cooperou com campanhas de vacinação e aleitamento materno, essa movimentação gerou como resultado a aprovação do artigo 227 da Constituição Federal (1988) e na criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), do movimento pelo acesso universal à educação e também dos programas de enfrentamento ao trabalho infantil, e trouxe vários outros avanços afim de garantir os direitos da criança e do adolescente (MOROMIZATO, 2017). Essa entidade destaca-se ao contribuir com a edificação e a concretização de políticas que buscam a saúde, o bem estar e a qualidade de vida do adolescente.

A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS), é uma diferente organização que realiza uma importante função para as políticas e os serviços de saúde no mundo, vem atuando através das tecnologias e a disseminação dos conhecimentos adquiridos através de vivências ocorridas em outros países. A OPAS/OMS em 2017 publicou o relatório *Global Accelerated Action for the Health of Adolescents (AA-HA!): Guidance to Support Country Implementation*, que recomendava ações de intervenções em todos os departamentos, não deixando de conter a educação sexual extensiva nas escolas, aumentado o limite de idade para mais elevado para a consumação de álcool e outros (OLIVEIRA *et al*, 2017).

Com essa disseminação acabou fornecendo instruções descritas sobre como podem efetivar essas ações intervencionistas usando programas de saúde voltados para esse público (OMS, 2017). Além disso, O AA-HA! *Guidance* mostrou grandes diferenças nas causas de mortes quando a avaliação era realizada de forma separada em relação à idade, adolescentes mais jovens, com idade entre 10 e 14 anos, e mais velhos, entre 15 e 19 anos, como também no sexo (VOMMARO, 2021).

Em 1989 foi criado, no Brasil, o Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD), através da Portaria do Ministério da Saúde nº. 980/GM de 21/12/1989, baseado em uma

política de promoção da saúde, localizando os grupos de riscos, encontrando de forma precoce os agravos utilizando o tratamento adequado e reabilitação, obedecendo os seus objetivos principais que são as diretrizes do Sistema Único de Saúde garantidas pela Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1989).

Com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mais uma política focalizada ao público adolescente iniciada em 1990, com a intenção de proteção de forma geral a criança e ao adolescente, com o intuito que lhes sejam asseguradas oportunidades e facilidades que possibilitem o desenvolvimento físico, mental, espiritual e social em estado de liberdade e dignidade.

Nesse sentido, o Estatuto atribui à família, à comunidade, à sociedade em geral e ao poder público o dever de garantir, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária da criança e do adolescente (BRASIL, 1990, art. 2, p. 11).

O estatuto da juventude é, além do ECA, o mais novo estatuto que aborda sobre a proteção dos grupos populacionais de acordo com a Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013, que considera jovens as pessoas de 15 a 29 anos de idade (BRASIL, 2013).

Dispondo sobre a concepção e as orientações das políticas públicas e a elas direcionadas, o Estatuto da Juventude assegura os direitos dos jovens estabelecida pelo Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE, 2013).

Salienta que o Sinajuve (2013) deu início como um desenvolvimento significativo do Estatuto da Juventude, uma vez que constituem as habilidades da União, dos estados e município na aplicação da Política Nacional de Juventude, para alcançarem os resultados satisfatórios; a fim de garantir os direitos estabelecidos pelo estatuto é necessário a aplicação prática e objetivo para que o desenvolvimento dessa programa alcance o esperado (BRASIL, 2013).

Mesmo reconhecendo a extrema importância de adotar comportamentos positivos à saúde, a predominância de comportamentos de risco à saúde, se mantêm em alta no público adolescente em diversos contextos sociais (BARBOSA; CASOTTI; NERY, 2016).

Os jovens mais evidentes a riscos e carência no modo geral, são os jovens que

sofrem negligência, falta de cuidados ou cuidados insuficientes na saúde, educação, segurança, alimentos, higiene, atividades físicas e lazer; entre vários fatores, estes obstáculos cercam diversos custos, sejam econômicos, sociais ou humanos, os quais merecem um planejamento de acordo com as demandas, traçar objetivos em prioridades, metas e rastreamento dos resultados (IBGE, 2016).

O estudo de Jager *et al.* (2014) em relação aos cuidados com os adolescentes no Brasil informou que o Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD), não consegue atender na íntegra todos os adolescentes brasileiros, os autores ainda localizaram pontos frágeis na articulação de atividades para atender o público-alvo, colocando como protagonistas os adolescentes realizando ações em saúde e em associação a baixas variações de metas. Também foi questionado pelos autores a indispensabilidade de avaliar com mais precisão as questões metodológicas para melhorar e direcionar o caminho e encontrar estratégias para realizar ações eficazes e direcionadas ao público adolescente.

Em seguida, para a criação do ECA, foram necessárias que as instituições adotassem mudanças, que possibilitam ajustar os novos objetivos, que englobam o total desenvolvimento da cidadania dos adolescentes. Os autores Eduardo e Egry (2010) apresentaram as adversidades na implantação dos programas, sendo que na percepção de outros, o adolescente parece ser interpretado como um ser com problemas e não como uma pessoa com direitos, vários os percalços detectados proveniente dessa mudança, tais como, preconceitos, falta de recursos financeiros, falta de recursos humanos, a burocracia em demasia, os obstáculos no encaminhamento desses adolescentes, com isso, mostra a falta de uma política clara.

Em torno dos impasses para que existam a efetivação das legislações, as quais buscam a melhoria da qualidade de vida das crianças e dos adolescentes, temos o entendimento das instituições e das práticas de vários profissionais no âmbito social, e conhecimento que os direitos são comuns, assim como o assistencialismo, em especial, quando são crianças e adolescentes de classe social baixa (ARANTES, 2012).

Contudo, urge evidenciar que aconteceram avanços, ainda que falte uma longa caminhada a seguir, como exemplo a assistência integral à saúde da criança e do adolescente de acordo com as leis do nosso país. Alguns programas como Bolsa Família (PBF) aumentam a assiduidade dos adolescentes nas escolas, com isso eles, por estarem

na escola, participam de ações do Programa Saúde na Escola (PSE) que equivalem a uma política de saúde de acordo com a defrontação das vulnerabilidades que abalam o progresso desse grupo de pessoas (FONSECA *et al.*, 2013).

O material publicado mais recente abordando a temática foi uma cartilha, pela Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - SNDCA, essa é uma das oitos secretarias que compõem o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos - MMFDH (BRASIL, 2020).

Contém, nessa cartilha, muitas informações que abordam o tema, só que de uma forma não muito aprofundada, contendo orientações para a utilização do uso da internet de forma segura. Indo de encontro com a nossa nova realidade do mundo, com o uso demasiado da internet por crianças e adolescentes entre 9 a 17 anos. Foi realizada uma pesquisa a respeito da importância da escola na vida dessas pessoas, crianças e adolescentes, em detrimento da importância da promoção de saúde na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015 (IBGE, 2016).

A promoção de saúde na escola de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), é apontado como investimento efetivo e eficaz para aperfeiçoar, sincronicamente, a educação e a saúde, afirmando a assimilação da PeNSE 2015, do qual resultou que no ano de 2015, 68,8% dos estudantes que estudavam no 9º ano do ensino fundamental, estudam em escola que possibilitaram ações em parceria com a Unidade Básica de Saúde ou Equipe de Saúde da Família, e que 70,9% das escolas se mantinham informadas sobre a saúde e sobre os registro de vacinação dos alunos.

Por outra perspectiva, afirma-se que uma quantidade de menos da metade estavam estudando nessas escolas que era adepta ao Programa Saúde na Escola sendo 38,7%. Com base na assiduidade escolar dos adolescentes brasileiros, a pesquisa revela que em 2014, o acesso à escola contabilizava 98,5% para uma população entre 6 a 14 anos e de 84,3% para a idade de 15 a 17 anos, esses dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (IBGE, 2016).

Pode-se conceituar a escola como um espaço favorável ao acompanhamento de perigos ou ameaças e proteção dos alunos. Vale destacar que esses jovens são evidenciados como as taxas mais altas de mortalidade devido a causas externas, fazendo

extremamente necessário o acolhimento através de políticas e serviços de saúde que atendam e garanta suas necessidades específicas, como também é imprescindível que as políticas e serviços sejam eficazes na integralidade da atenção à saúde (BRASIL, 2010b).

Sabemos que a adolescência é um momento de fragilidade podendo ser física, psicológica ou social, necessitando de muita atenção, principalmente por parte dos pais, profissionais da saúde, professores e órgãos responsáveis. Com o grande aumento da exibição de fatores agravantes com o aumento da idade, soma-se os sinais de começo precoce da puberdade e a adesão de comportamentos de riscos à saúde (BARBOSA; CASOTTI; NERY, 2016).

Segundo a OMS, em 2016 as condutas relacionadas à saúde ou risco atraídos na adolescência se estendem pela vida toda, trazendo diversas consequências para a qualidade de vida, afirmando a vulnerabilidade do grupo jovem com idade entre 15 a 24 anos, as consequências do processo saúde doença, decorrente das finalizações socioeconômicas e políticas da Reforma do Estado, o ministério da saúde aumentou as especialidades na atenção em saúde com a idade entre 10 a 24 anos (BRASIL, 2010b).

Em relação a compreensão do estado de saúde, foi realizado um estudo com adolescentes e resultou que mais de 70% dos alunos brasileiros categorizam seu estado de saúde em muito bom ou bom. Vale ressaltar que essa especificação foi menos presente entre alunos do sexo feminino com idade entre 16 a 17 anos, sendo 66,4% em comparação ao sexo masculino com 33,6% (PENSE, 2016).

Por meio dos fatores de risco referentes à saúde dos adolescentes, temos o convívio e contato com as tecnologias de informações e forma de comunicação, pois cada vez mais precoce os jovens têm acesso a tecnologia de forma mais intensa (BARBOSA; CASOTTI; NERY, 2016).

Iniciada no Brasil em 2005, a pesquisa sobre as TIC's vem mostrando no decorrer de sua trajetória que a dimensão dos usuários da internet entre crianças e jovens permanece excedente, da média com relação ao restante da população do país, como o exemplo do ano de 2013, quando 51% dos brasileiros eram classificados como usuários de internet, essa convergência chegou a atingir 75 % das crianças e adolescentes na faixa etária entre 10 a 15 anos e 77% foram da faixa etária de 16 a 24 anos (IPEA, 2016).

Sobre a saúde do adolescente, foi publicado em 2018 um estudo que mostrou que a violência interpessoal, doenças cutâneas, acidentes de trânsito, transtorno de ansiedade e os transtornos depressivos apresentam vinte em ordem, dentre as cinco importantes apontados como causa principal de anos de vida perdidos por adolescentes na América Latina e no Caribe (OPAS, 2018).

Dessa forma, é de suma importância compreender como os adolescentes utilizam a internet, como interagem com as novas tecnologias, assim como outros fatores associados à saúde desses jovens.

## USO DA TECNOLOGIA PELOS ADOLESCENTES

A aderência a internet como espaço cibernético que oferta vários atributos aos seus consumidores já é uma realidade vivenciada por muitos adolescentes. Conforme uma pesquisa feita por Oliveira e colaboradores (2017), com sua amostra de 60 adolescentes, onde 34 são do sexo masculino no total de 57% e 26 do sexo feminino sendo 43%, com uma média na idade de 15 anos; tendo como resposta que 1,12 com variação entre 14 e 18, somente 5% falaram não ter feito o uso da *internet* durante o último ano.

Para complementar esses números em relação à utilização da internet, os autores mostram o seguinte resultado:

A maioria dos entrevistados tem e-mail (96,5%), Facebook (94,7%) e MSN (86%), sendo que apenas uma menina da amostra não tem esse aplicativo. Cerca de metade tem Twitter (54,4%) e um quinto tem Blog (19,3%). As atividades realizadas na internet mais citadas, em ordem decrescente, foram: entrar em rede social (96,5%); baixar música (91,2%); estudar (86%); compartilhar fotos ou vídeos (84,2%); mandar e receber e-mails (84,2%); ver filmes, séries (84,2%); procurar informação ou notícias (78,9%) (OLIVEIRA *et. al.*, p. 1172).

De acordo com Bueno (2018) os adolescentes são mais suscetíveis ao impacto pelo uso em demasia das tecnologias digitais, isso se deve a singularidade que estamos inseridos no contexto familiar que estamos vivendo atualmente, onde está cada vez mais determinado o uso da internet dentro do quarto.

O autor Portugal e De Souza (2020) integraliza o assunto, quando diz que a ligação com o mundo virtual é algo que está totalmente voltado para a vida do adolescente. Acontece que houve uma quebra e uma alteração das velhas definições de espaço e tempo

com o avanço da internet. Frente a diminuição das distâncias de espaço, da variação nas conexões, dos variados trajeto, entre várias outras melhorias, implica que o tempo rígido deixou de ser absoluto.

De acordo com o estudo de Fortes e colaboradores (2014) recomenda-se que as alterações culturais e históricas conseguem ter repercussão nos jovens; a tecnologia digital é uma dessas mudanças tornando-se indispensável e insubstituível para os jovens. Nesse contexto, os adolescentes representam o grupo de indivíduos que utilizam a internet com frequência e por longo tempo. Entretanto, com o anonimato das mídias sociais, traz mais riscos a esse grupo e também muitas situações como *cyberbullying* sem destacar a infantilidade na forma de fazer a interpretação das mensagens, imagens e áudio. Em conformidade com os autores citados, as redes sociais fazem parte do convívio desses jovens, correndo o risco de ter alterações no humor e comportamento, isso pode trazer problemas psicológicos, temos como exemplo a depressão e o transtorno afetivo, entre outros.

Conforme De Silva Junior (2022), as redes sociais, englobando funções e sites em que os usuários se apresentam e conversam sobre si, são tidas como ambientes de socialização e interação mais usual pelos adolescentes. Acrescente no uso das redes sociais, pelos jovens, pode estar relacionado a fase do desenvolvimento humano em que eles se encontram na vida, pois essa é a fase em que existem mais investimento e o momento que tem mais relações interpessoais.

Em um ponto de vista, De Silva Junior (2022) alega que os adolescentes modernos têm se apresentado “diferentes” das gerações passadas. Os adolescentes atuais estão rodeados por tecnologias, por computadores, vídeo *games*, *tablets*, controle remoto, *smartphones* entre vários outros dispositivos nunca vistos por outras gerações passadas, levando o nome de “*technolife*”. Com tudo isso, ressalta-se que temos uma forma totalmente diferente de experimentar a adolescência e essa nova forma é sistematicamente imbuída pelo avanço e impactos do uso das tecnologias na vida desses jovens.

De acordo com Bienzobás (2021), categorizada pelo pela Organização Mundial da Saúde como o momento de descobrir e experimentar, a adolescência na idade entre 10 aos 19 anos é uma fase do desenvolvimento humano, onde vamos ter como resultado os convívios, entrosamentos e contatos, que são estabelecidos em locais físicos e virtuais os

quais têm um papel muito importante na vida dos jovens, uma vez que será experimentado um ambiente de introversão e construção, reconstrução de si e das relações entre pessoas.

Contudo Campos (2012) cita que os jovens fazem parte de um grupo social, frágil e indefeso, sendo facilmente levado pelas mudanças que as tecnologias digitais trazem, facilitando a adesão de alguns vícios.

Sendo assim, as tecnologias se transformaram em um isolamento social comprometendo a habilidade de socializar e impedindo a noção de realidade do que é real ou virtual.

Baseado no conceito apresentado pelo autor supracitado, o excesso do uso de internet leva a uma confusão do mundo real e virtual. Com isso, chama-se atenção pela forma que estão acontecendo as mudanças nas formas de comunicação, diminuindo a interação social e gerando uma acomodação que leva a problemas como depressão e uma quebra nas relações pessoais e sociais.

Parafraseando Campos (2012) os jovens buscavam as redes sociais a fim de preencher a sensação de vazio causado pelo isolamento social, nesse contexto eles têm a percepção de que nunca estão sozinhos, porque no ambiente virtual tem sempre amigos compartilhando algo, conversando. A problemática de acordo com o autor quando esses jovens se desconectam tem uma distorção do que é realidade como se aquilo ao seu redor não fizesse parte da sua vida e do seu cotidiano, tudo isso gerado pela errônea sensação de felicidade que a interação no mundo virtual possibilita. Com um acesso contínuo com as redes digitais esses jovens acabam se apartando de pessoas da vida real seja da vida efetiva.

Segundo Souza e Cunha (2019) apresentam o comprometimento na vida dos adolescentes causado pelo uso das tecnologias, dificultando assim o desenvolvimento social, promovendo danos em vários aspectos biopsicossociais, o que pode levar ao comprometimento da saúde mental.

## POSSÍVEIS IMPACTOS DAS REDES PARA OS ADOLESCENTES

Em concordância com Portugal e De Souza (2020) no presente, a internet e as redes sociais digitais exercem uma função importante no dia a dia de várias pessoas, principalmente dos adolescentes. Essas alterações associaram vários pontos positivos, visto que essas alterações apresentaram excelentes e grandes benefícios para a população por intermédio de uma ligação constante entre as maneiras como as pessoas pensam e atuam nos diferentes aspectos gerais da vida. Todavia se a internet é encarada como facilitadora da procura pela identificação e singularidade, de uma outra ótica é justamente através desse ambientes que jovens se tornam mais vulneráveis a males proveniente de condutas inapropriadas em retorno às pressões e funções desses programas associadas ao uso desordenado.

Dessa maneira, Ferreira (2020) evidencia que a utilização desordenada da internet pelo público jovem, no quesito tempo, conteúdo e acesso, interfere de forma negativa nas atividades ao ar livre, práticas esportivas, socialização com pessoas, socialização com animais domésticos, atividades culturais e atividades escolares.

É nesse sentido que Gregório, e Lapão (2012), significativamente os altos indicadores Comportamentais Sedentários em adolescente são conhecidos pelo elevado uso das redes sociais. Ao realizar uma análise o autor estudou 8.661 alunos e buscou a predominância do sedentarismo foram durante a semana de 69,2% e elevou no final de semana para 79,6%. É de suma importância atentar que os alunos mais incluídos em funções de escritório, onde passa-se mais de 2 horas por dia on-line, e os que tem uma classe social mais elevada, sendo aqueles que têm possibilidade de usar seu tempo livre em internet e videogames, são esses que mais participaram desses números.

Evidenciado por De Silva Junior (2022) que esse forma de intervenção tecnológica no dia a dia dos adolescentes, acaba por impactar no seu progresso educacional, mudando sua percepção, expressão usada quando estamos falando de mecanismos cognitivos singular e compartilhado relacionados a atividades coparticipantes circundando percepção, atenção, memória e linguagem. Resumindo, a cognição é a forma ou método de obter conhecimento. É uma forma de interação quando uma pessoa interage com outras pessoas parecidas em um lugar onde se vive sem esquecer quem de verdade é.

De acordo com Cánovas (2015), o domínio efetuado pelas tecnologias digitais nos jovens prejudica a cognição, pelo acontecimento dos estímulos audiovisuais e emocionais, se encontrarem em operação máxima. Com o grande nível de informações absorvidas pelo cérebro, sendo em texto, imagens e vídeos, podem causar uma saturação de memória de trabalho gerando uma sobrecarga cognitiva.

Bueno (2018) menciona que há um detrimento no funcionamento do desempenho acadêmico, poderia estar totalmente associado a quantidade de horas que os jovens ficaram online, especialmente quando determina se um modelo impróprio sugerindo um vício.

Em acordo com Rezende (2021) onde ele conclui que estudar a suposta associação do uso de mídias Sociais e o desenvolvimento acadêmico de adolescentes universitários vêm em consideração aos novos avanços das tecnologias, assim como aumenta a regularidade do uso das redes. Dentro desse contexto, existem críticas as redes sociais pois é apontada como prejudicial ao desenvolvimento acadêmico. Parafraseando esse mesmo autor, onde ele diz que o uso prolongado e constante dessas redes podem afetar e atrapalhar o desempenho acadêmico dos estudantes fazendo com que eles percam o interesse pelas atividades voltadas à educação e estudos

De acordo com o estudo publicado por Pereira de Pereira de Barros (2019) além de prejudicar os estudos, o déficit social passa a ser mencionado em alguns estudos que abordam a dependência de internet e competências sociais em adolescente observou que os alunos que fazia uso da internet com frequência apresentavam maior dificuldade em mostrar atitudes associadas e competência social em todos os âmbitos porém particularmente na áreas de autocontrole domínio próprio, posicionamento acessibilidade e distanciamento social.

Ainda com Pereira de Pereira de Barros (2019), chegou à conclusão que as consideradas vícios na internet apresentavam obstáculos maiores para realizar condutas que conseguissem apresentar resultados mais determinados e positivos. O autor menciona dados que atuam no ponto oposto onde existe a falta de habilidades sociais que leva a uma dependência de internet. Assim pessoas com poucas ou baixas habilidades sociais optam por interações sociais via *internet, online* pois a internet é utilizada como instrumento de refúgio contra a vontade de socializar. Através do sentimento de

anonimato que é proporcional ao ambiente virtual e acontece que os adolescentes se sentem à vontade para se expressar da maneira que se sente confortável se medo de julgamentos e até mesmo se passar por outra pessoa.

Alcançou com o resultado relevante do estudo, a intervenção da internet na saúde psicológica do adolescente. De acordo com Ferreira (2020), os trabalhos atuais apresentam uma ligação entre o uso obsessivo da internet e uma diversidade de problemas humanos, inserindo o transtorno de déficit de atenção, problema de concentração, perda da memória, afastamento social e investigação à sexualidade. Essas indagações surgem através de uma diversidade de comportamento em adolescente, com uma diversidade de conjuntura socioeconômicos e culturais.

De acordo com Paiva e Costa (2016) introduz a afirmação que o uso em demasia das tecnologias pelos público adolescente, geram uma inconstância mental dessas pessoas. Dessa forma essa ampla operação engrandece o competência para alterar a atenção, pensamentos obsessivos, ansiedade e dificuldade na comunicação, isso pode afetar diretamente a formação do conhecimento. A agilidade na propagação de conhecimento acaba causando uma demanda exagerada, de retribuição rápida o que ocasiona nas pessoas uma pressão, pois mesmo que utilize-se para que a tecnologia trabalhe a nosso favor a fim de facilitar a nossa vida e nossas atividades, ela pode gerar ansiedade e vários acometimentos voltado ao estresse

De acordo com Pereira de Pereira de Barros (2019) foi examinado o padrão de uso da internet por adolescentes e sua associação com manifestações depressivas e ansiosas. Atingiu a solução apontando que as manifestações de dependência de internet, e sintomas depressivos, sintomas de ansiedade estão ligadas. Notou que os adolescentes como o grupo mais frágil à dependência de internet, e apoiou a demanda de capacitação de psicólogos e outros profissionais de saúde no reconhecimento e procedimentos adequados de traumas ocasionado por uso extensivo da internet.

Portugal e De Souza (2020) deixa determinado que o uso demasiado das redes sociais apresentam graves efeitos deletérios sobre a saúde física, mental e social de adolescentes. No entanto, notou-se que a ansiedade e a agressividade são inquestionáveis, tanto no uso assíduo de aparelhos eletrônicos que estão progressivamente assumindo as atividades recreativas tradicionais, quanto na redução do uso de tecnologias.

Bueno (2018) menciona que o uso das redes sociais apareceu associado a valores mais altos de ansiedade, depressão e agravamento da qualidade do sono. Segundo o autor, a maior capacidade de aproveitamento das redes sociais, ao levar em consideração a quantidade de horas fazendo uso, foi relacionado a um grande risco de ansiedade quanto à depressão em adolescentes. O mesmo autor declarou que o crescente uso de mídias sociais, está ligado à depressão e ansiedade por um intervalo de tempo mais longo.

## **DEPENDÊNCIA DE INTERNET E AUTOESTIMA**

A autoestima trata sobre como e de que forma a pessoa pode estar satisfeita com sua autoimagem, levando em consideração considerando o meio social em que se encontra (GOBITTA; GUZZO, 2002). Por vezes observa-se que os autores ratificam que a autoestima está diretamente relacionada à maneira como a pessoa elege suas metas e aceita a si mesmo, em como idealiza seu futuro e suas expectativas de vida (BEDNAR; PETERSON, 1995).

Vale ressaltar que a autoestima corresponde ao valor que o próprio indivíduo faz de si ao longo de sua vida frente a cada situação vivenciada, levando em consideração experiências positivas e negativas (SCHULTHEISZ; APRILE, 2013). Levando em consideração os produtores utilizados para o desenvolvimento do ser humano, a autoestima é considerada um 28 dos fatores prioritários na adolescência e na vida adulta, sendo está associada as áreas com o desempenho acadêmico, o sucesso ocupacional e os relacionamentos interpessoais (TRZESNIEWSKI; DONNELLAN; ROBINS, 2015).

No decorrer da vida do indivíduo, a autoestima pode sofrer mudanças, e é de suma importância ratificar que isso depende do grau de conhecimento, das rotinas, experiências, vivências pessoais, que podem ser prazerosas ou não (SCHULTHEISZ; APRILE, 2013). No que tange a adolescência, a autoestima está em destaque nos estudos científicos, sendo considerada um indicador da saúde mental dessa fase, como dito anteriormente. É nessa fase, da adolescência, que muitos percalços são ultrapassados, sendo feita uma correlação entre a autoestima, a aprovação social, rendimento escolar, aceitação, etc. (STEINBERG, 1999).

Mesmo sendo estudada com afinco, os pesquisadores ainda não encontraram um

consenso, mas um ponto se destaca que é a diminuição da autoestima durante a passagem da infância para a adolescência. Em 1999 e 2000 foi realizado um estudo transversal, com a participação de mais de 320.000, sendo feita uma pesquisa com questionários que ficaram disponíveis na *internet*, e a amostra foi formada de 67% por norte-americanos e 33% de outros 100 países. Concluindo que “a autoestima apresentava níveis altos na infância, caía durante a adolescência, aumentava na idade adulta e novamente se reduzia na velhice” (ROBINS *et al.*, 2011, p. 23). De acordo com os pesquisadores as características permaneceram independentemente do gênero, da classe socioeconômica, da raça e da nacionalidade dos indivíduos avaliados.

Em estudo semelhante, realizado no Brasil, buscou-se verificar os fatores de risco e proteção à saúde dos alunos nas escolas brasileiras, no que tange a sua percepção da imagem corporal com indivíduos de faixa etária entre 13 a 17 anos, sendo avaliados 10.926 estudantes. O resultado foi escalonado, o qual demonstrou que a maioria dos estudantes com faixa etária entre 16 e 17 anos sentiam-se satisfeitos com o próprio corpo, dando uma porcentagem de 66,6% dos pesquisados, já para os com idade 13 a 15 anos, verificou-se que chegou a 72,4%. Levando em consideração o gênero, em ambos os intervalos de idade avaliados, mostrou-se que as meninas apresentaram os menores valores, quando comparadas ao sexo masculino, sendo que mais de 80% dos estudantes informaram que a própria imagem corporal é importante ou muito importante, sendo os maiores percentuais de importância encontrados entre os estudantes mais velhos e do sexo feminino — nas alunas da faixa etária de 16 e 17 anos, esse percentual atingiu 85,7% (PENSE, 2016).

Na pesquisa de Rey; Extremera; Pena (2011) foi feito um paralelo entre a autoestima e a satisfação de vida, buscando um paralelo entre os níveis de satisfação que os adolescentes têm com a vida. A amostragem foi de 316 adolescentes com faixa etária de 14 a 16 anos de idade, e os resultados mostraram que os indicaram que os adolescentes com alta autoestima vivem melhor, experimentam mais momentos agradáveis e vivem mais satisfeitos em diferentes áreas da vida, enquanto os pesquisados apresentaram baixa autoestima não apresentaram esses fatores.

Já em outro estudo, realizado em Juiz de Fora (MG), cujo objetivo era avaliar a associação entre autoestima e insatisfação corporal em adolescentes do sexo feminino,

viu-se que o sexo feminino relacionou a baixa autoestima a insatisfação corporal, observando-se que as adolescentes que apresentam baixa autoestima são influenciadas mais facilmente pelos ideais socioculturais de magreza. Desta forma, a prevalência de 30% dos adolescentes de 12 a 17 anos, sendo um total de 397 pesquisados mostraram-se insatisfeitos com o corpo (FORTES *et al.*, 2014).

Enquanto que no México, em uma pesquisa realizada com 575 adolescentes, viu-se que a autoestima está relacionada ao uso de álcool, drogas e substâncias químicas em geral, sendo esse um fator de risco. Observa-se que o excesso é prejudicial, quer seja em eventos negativos os quais afetam a autoestima do indivíduo e podem provocar reações prejudiciais à saúde, assim ocorre com altos níveis de autoestima dando a sensação de segurança (AGUIRRE; CASTILLO; ZANETTI, 2010).

O *cyberbullying* ocorre com uso da Internet pelo adolescente escolar, alguns incidentes ocorridos na internet e relacionados com a vida dos estudantes pode provocar baixa autoestima (CÉNAT *et al.*, 2014).

Avaliando a associação entre depressão, ansiedade, ansiedade social e medo, impulsividade e agressão e dependência de Internet (IA), percebe-se que, entre os 1.030 adolescentes investigados (idade de 13 a 17 anos), houve uma associação entre índices maiores de medo social e impulsividade, além da depressão, para aqueles que tinham escores maiores da dependência de Internet. Assim, é possível que a dependência de Internet possa estar associada com a variação da autoestima dos indivíduos adolescentes, merecendo a investigação dessa possível associação (OBEID *et al.* 2019, p. 321).

De acordo com os autores Younes *et al.* (2016) é de suma importância a identificação das pessoas que estão em situação de dependência da internet, pois constantemente esse vício apresenta comorbidades que impactam na saúde mental e que precisam também ser consideradas em eventual tratamento. Sabe-se que esse tipo de dependência interfere diretamente com a autoestima, foi visto em uma pesquisa transversal avaliando 600 pesquisados de três faculdades, sendo a autoestima associada com a dependência de Internet, sendo que os maiores índices de dependência estão relacionados aos baixos índices de autoestima.

Desta forma, vê-se que a autoestima impacta no autoconceito e à autoimagem que o adolescente tem de si mesmo, tendo um complexa definição que envolve as crenças, os valores e a percepção de mundo, sendo essa construção influenciada através do contexto

cultural e social (SCHULTHEISZ; APRILE, 2013).

## RESULTADOS

Vê-se que em decorrência do explanado e com o crescimento acelerado das redes sociais, as mídias acabam ampliando cada vez mais o número de seguidores de várias idades, mas principalmente entre os adolescentes, destaque para que possa ser vista essa situação com maior atenção. Sendo assim ocorre uma dependência cada vez mais da tecnologia por parte dos usuários (OLIVEIRA *et. al.*, 2017). De acordo com Portugal e De Souza (2020), muitos foram os impactos sofridos pela internet, a qual apresentou ao dia-a-dia das pessoas inúmeros ferramentas que se encontram disponíveis para sua interação, assim como os aparelhos eletrônicos, os quais apresentam ao usuário sensações de prazer, comodidade e até de conforto.

Conforme ratificam Pereira de Barros e colaboradores (2019) e em concordância com Portugal e De Souza (2020), os adolescentes foram o público mais impactado, isso porque são mais suscetíveis a permanecer e depender da internet, pois vê-se que nessa faixa etária o desenvolvimento humano, o discernimento não é vantagem nesta guerra, pois saber o que é bom e o que é mal disponibilizado na internet, já não é mais visto por eles, e sim o prazer que isso pode causar.

Os autores Bienzobás (2021); Portugal e De Souza (2020); Lustosa E Silva (2021); Bueno (2018) chegaram ao consenso que os jovens buscam refúgio nas redes sociais muitas vezes para fugir da realidade, nelas são apresentadas situações que acham melhor, podendo editar e personalizar sua realidade e autoimagem, transformando assim no que consideram atraente e aceito pelo outro.

Vê-se que os adolescentes são mais suscetíveis a influência das mídias, uso excessivo de internet e principalmente redes sociais. Com isso, já é reconhecido o impacto da possibilidade de estar sem o aparelho ou acesso à internet e isto causar-lhe problemas no que tange a saúde mental, tais como ansiedade, desconforto, depressão e outros aspectos é sabido que exercem essa influência sob o uso excessivo de internet. (PEREIRA DE BARROS *et al.*, 2019; FERREIRA *et al.*, 2020; DE ALENCAR FIGUEIREDO *et al.*, 2018). Sendo assim, viu-se que ao acessar por várias vezes as redes sociais, o usuário

encontra-se cada vez mais estimulado a permanecer na internet, por estar proporcionando um intenso prazer o qual obtém através dos conteúdos disponibilizados (FÉLIX JUNIOR; CORRADINI; MAINARDES, 2015).

No que tange a saúde mental, foi visto que a permanência das pessoas que já são diagnosticadas com depressão ou já apresentam esses sintomas, é cada vez maior quando o mesmo estar conectado, mas ao serem interpelados de forma pessimista ou postagens melancólicas, a interação diminui gradativamente (BIENZOBÁS, 2021). Com relação ao tempo dos adolescentes nas redes sociais e, viu-se que quanto maior esse tempo for, mais ele se afasta da realidade, proporcionando uma vida vista como sedentária (PORTUGAL; DE SOUZA, 2020).

Com isso, observou-se que ao usar a internet de forma abusiva, provoca alterações no comportamento do adolescente, pois altera sua rotina e com isso impacta nas necessidades básicas, impactando e proporcionando problemas emocionais, comportamentos agressivos, obsessão em checar o telefone ou mídias sociais constantemente (SOUZA; DA CUMHA, 2019). Sabe-se que a vida social e acadêmica do adolescente será prejudicada pela dependência de internet, onde se prolonga o tempo e busca uma fuga da realidade (BUENO, 2018).

De acordo com Santos e Silva (2018), ainda estão estudando para determinação do impacto que o uso da internet e suas ferramentas, sendo ele visto como patológico ou não, pois essa questão ainda é vista como um grande desafio, tanto no que tange ao conhecimento dos vieses dos seus benefícios quanto pela dificuldade de encontrar uma solução para evitar esse vício.

Nesse sentido e também por tratar-se de um fenômeno recente e ainda em estudo, a adição por internet não tem um consenso quanto à sua definição e nem quanto ao seu lugar nas classificações e nas intervenções terapêuticas mais adequadas. Atualmente, a classificação que mais se aproxima dos meios digitais é a de Transtorno do Jogo pela Internet que entrou no DSM-5 como condição para estudos posteriores. Mas ainda segundo o próprio manual, essa noção é distinta quer do jogo patológico online, quer do uso patológico da internet (PATRÃO *et. al.*, 2016, p.21).

Diante dessa situação, observa-se que o dito “vício do uso da internet” já está sendo visto e comparado com os vícios do uso de drogas e até mesmo de álcool, pela

dependência e padrões de comportamentos. Com isso, foi visto que quando ocorre que a dopamina se eleve, assim como a abstinência e tolerância, os padrões mostram a sua relação e similaridade (FÉLIX JUNIOR; CORRADINI; MAINARDES, 2015).

Já para Pereira de Barros (2019) e Patrão e colaboradores (2016), alguns sintomas parecidos com pessoas ansiosas, com irritabilidade elevada, as que possuem transtornos de personalidade ou do sono, assim como a depressão podem aparecer quando o indivíduo diminui ou interrompe o uso das redes sociais ou internet de forma geral. Assim como algumas mudanças no desempenho acadêmico, que por ventura provoca desatenção e um baixo rendimento, promovendo desinteresse aos estudos.

Também a mudança de comportamento é identificada em muitos dos casos, causando nos usuários comportamentos ditos agressivos e hostis com as pessoas do seu convívio, sendo assim mais difícil o dia-a-dia e a relação com os familiares e amigos (PORTUGAL e DE SOUZA, 2020; DE SILVA JUNIOR *et al.*, 2022). Assim como, esse uso patológico, provoca nesse indivíduo estresse, aumento dos traços narcisistas, baixa autoestima ou seu diminuímento, isolamento social e insatisfação com a aparência (BIENZOBÁS, 2021).

Existem vários fatores que geram insatisfação no usuário da internet, pois trata-se de um espaço de comunicação livre e assim os *feedbacks* negativos, vem impactar na autoestima do adolescente, por isso a existência *Cyberbullying*, o qual impacta de forma semelhante ao *Bullying* na vida de suas vítimas. Isso gera problemas psicológicos, induzindo ao uso de substâncias psicoativas e transformando a vítima em um possível agressor (BIENZOBÁS, 2021; BUENO, 2018).

O papel da família, nesses casos, é de fundamental importância, pois uma vez que o problema é identificado ou até exista uma suspeita, é fundamental que seja dado um amparo para o adolescente se sinta protegido, valorizado e o seu ponto de vista seja respeitado (PORTUGAL e DE SOUZA, 2020). Conforme o assunto vai se expandindo, encontra-se a necessidade de limites que serão impostos pelos responsáveis, com o intuito de orientar e proteger esses adolescentes (DE SILVA JÚNIOR *et al.*, 2022). E ainda segundo Portugal e De Souza (2020), a participação dos pais e ou responsáveis é fundamental em todo esse processo de adequação e acompanhamento, pois com isso, o

adolescente sentirá que tem apoio, a comunicação fica mais estreita e próxima, assim como o ambiente torna-se mais respeitoso e propício ao convívio familiar e social.

De um todo, não se encontra apenas pontos negativos, o avanço da tecnologia proporcionou situações determinadas como positivas e outras vistas como benéficas, pode-se iniciar com a dimensão que atinge uma amplitude onde as ferramentas podem transmitir vários tipos de informação e conhecimento, tendo assim a globalização de informações mais próxima de cada casa e acelerando a aquisição do conhecimento (FERREIRA *et al.*, 2020). Também se viu o sentimento de inclusão social e pertencimento de grupo, pois os muros e barreiras são quebradas, proporcionando que sejam criados vínculos sociais (BUENO, 2018; PORTUGAL e DE SOUZA, 2020). Já Bienzobás (2021) afirma que a internet proporciona ao usuário distração e lazer, os quais estão ao alcance das mãos, proporcionando interação e liberdade.

## CONCLUSÃO

Sabe-se que existem as alterações biopsicossociais, as quais são estudadas com base no uso excessivo de internet, proporcionando um conhecimento maior da saúde mental no que tange a situações como predisposição à solidão, influência nas atividades cotidianas, dificuldade para socialização, prejuízo acadêmico, associação com depressão, aumento do sedentarismo e ansiedade, tendo como grupo mais propenso os adolescentes a essa vulnerabilidade à dependência da internet.

Como sugestões para estudos adicionais, vê-se a importância de um estudo mais aprofundado sobre os processos psicológicos, os quais causam impactos negativos para os usuários.

Como resultado, sugere-se que todos os envolvidos direta ou indiretamente com o usuário em questão, ou seja, os adolescentes, tenham uma participação ativa no processo, ou seja, a família com o acompanhamento, o governo com a restrição de programas e acessos que impactem negativamente na vida desses adolescentes, as escolas com as orientações que lhes cabe, a sociedade de um modo geral que proporcionará um devido crescimento dentro do que é certo e moral, combatendo assim comportamentos irresponsáveis.

A relevância desta pesquisa se dá pela necessidade de combater as alterações biopsicossociais e com isso o aprofundamento sobre o assunto saúde mental dos usuários da internet em seus âmbitos sendo eles familiar e educacional.

## REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ A. A.; ALONSO C. M. M.; ZANETTI, A. C. G. Consumo de álcool e autoestima em adolescentes. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 18, n. espec., p. 634-640, 2010.
- ARANTES, E. M. M. **Direitos da criança e do adolescente**: um debate necessário. *Psic. Clín.*, v. 24, n. 1, p. 45-56, 2012.
- BARBOSA, F. N. M.; CASOTTI, C. A.; NERY, A. A. Texto Contexto Enferm., n. 25, v. 4, p. 1-9, 2016. BAROSSO, O. et al. Programa de orientação a pais de adolescentes dependentes de Internet (PROPADI). **Revista Brasileira de Psiquiatria**, n. 1, p. 387-395, 2016.
- BEDNAR, R.; PETERSON, S. **Self-esteem**: paradoxes and innovation in clinical theory and practice. Washington, DC: American Psychological Association, 1995.
- BÉLANGER, R. *et al.* **A U-shaped association between intensity of Internet use and adolescent health**. *Pediatrics*, n. 127, v. 2, p. 330-335, 2011.
- BIENZOBÁS, S. M. **Adolescência, internet e saúde mental**: uma revisão de escopo. São Paulo, 2021.
- BRASIL. **III Levantamento Nacional sobre uso de Drogas pela População Brasileira**. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica (ICICT). Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), 2019.
- BRASIL. Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013. **Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2013.
- BRASIL. Ministério da Justiça. **O uso de substâncias psicoativas no Brasil**: módulo 1. 11. ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2017. 146 p. por Crianças e Adolescentes no Brasil. Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019.
- BRASILa. **Direitos da população jovem**: um marco para o desenvolvimento. 2. ed. Brasília: Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), 2010, 126 p.
- BUENO, L. A. F. **Uso de mídias sociais, ansiedade e depressão**: revisão integrativa e interface. São Paulo, 2018.
- CAMPOS, H. M. **O sujeito adolescente e o cuidado de si**: cenários, significados e sentidos da iniciação sexual e do cuidado com a saúde sexual e reprodutiva. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Centro de Pesquisas René Rachou, Fundação Oswaldo Cruz, Belo Horizonte, 2012. 334 p.

CÁNOVAS, G. **Cariño he conectado a los niños**. Ed. Mensajero. España. Bilbao. 2015. Traducido: Google tradutor. 2022.

CÉNAT, J. M. et al. **Cyberbullying, psychological distress and self-esteem among youth in Quebec schools**. *J. Affect Disord.*, v. 169, p. 7-9, 2014.

CORONEL, D. A.; SILVA, J. M. A. da. Conceito de tecnologia, Álvaro Viera Pinto. *Revista Economia & Tecnologia – Ano 06, Vol. 20 – Janeiro/Março de 2010*. Disponível em: acesso em 13/10/2022.

DE SILVA JUNIOR, E. S.; et al. **Depressão entre adolescentes que usam frequentemente as redes sociais: uma revisão da literatura**. *Brazilian Journal of Development, Curitiba*, v. 8, n. 3, p. 18838-1851, mar. 2022. DOI 10.34117/bjdv8n3-224. Disponível em: file:///C:/Users/vande/Downloads/45299-113167-1-PB.pdf. Acesso em: jun. 2022.

DELLA MÉA, C. P. *et al.* Padrão de uso de Internet por adolescentes e sua relação com sintomas depressivos e de ansiedade. **Psicologia Revista**, v. 25, n. 2, p. 243- 264, 2016.

EDUARDO, L. P.; EGRY, E. Y. Estatuto da criança e do adolescente: a visão dos trabalhadores sobre sua prática. **Rev. Esc. Enfermagem, USP**, v. 44, n. 11, p. 18- 24, 2010.

FERREIRA, E. Z. *et al.* A influência da internet na saúde biopsicossocial do adolescente: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, p. 1–9, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0766> Acesso em: jun. 2022.

FONSECA, F. F. *et al.* As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. **Rev. Paul. Pediatr.**, v. 31, n. 2, p. 258-264, 2013.

FORTES, L. S. *et al.* A autoestima afeta a insatisfação corporal em adolescentes do sexo feminino? **Rev. Paul. Pediatr.**, v. 32, n. 3, p. 236-240, 2014. FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA). O poder de 1,8 mil milhões: adolescentes, jovens e a transformação do futuro. Situação da População Mundial 2014. UNFPA, 2014.

GOBITTA, M.; GUZZO, R. S. L. Estudo Inicial do Inventário de auto estima (SEI) – Forma A. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, p. 143-150, 2002.

GREGÓRIO, J.; LAPÃO, L. Uso de cenários estratégicos 61 para planejamento de recursos humanos em saúde: o caso dos farmacêuticos comunitários em Portugal 2010-2020. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**. São Paulo, 2012.

HO, R. C. *et al.* The association between Internet addiction and psychiatric comorbidity: a meta-analysis. **BMC Psychiatry**, v. 14, n. 183, p. 1-10, 2014.

HORTA, N. C. Abordagem ao adolescente e ao jovem nas políticas públicas de saúde no Brasil: um estudo de revisão. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v. 20, n. 2, p. 475-495, 2010.

HUANG, Y. R. Identity and intimacy crises and their relationship to Internet dependence among college students. **Cyberpsychol. Behav.**, v. 9, n. 5, p. 571-576, 2006.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas** / organizadoras: Enid Rocha Andrade da Silva, Rosana Ulhôa Botelho. Brasília: 2016. 329 p.

JAGER, M. E. *et al.* O adolescente no contexto da saúde pública brasileira: reflexões sobre o PROSAD. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 2, p. 211-221, 2014.

LIN, F. *et al.* **Abnormal White Matter Integrity in Adolescents with Internet Addiction Disorder: A Tract-Based Spatial Statistics Study**. PLoS ONE, 2012. v. 7, n. 1, p. e30253.

MOROMIZATO, M. S. *et al.* O uso de Internet e redes sociais e a relação com indícios de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, n. 4, p. 497-504, 2017.

OBEID, S. *et al.* **Internet Addiction Among Lebanese Adolescents: The Role of Self-Esteem, Anger, Depression, Anxiety, Social Anxiety and Fear, Impulsivity, and Aggression-A Cross-Sectional Study**. J. Nerv. Ment. Dis., v. 207, n. 10, p. 838-846, 2019.

OLIVEIRA, M. P. M. T.; *et al.* **Uso de internet e de jogos eletrônicos entre adolescentes em situação de vulnerabilidade social**. Trends in Psychology, v. 25, p. 1167-1183, 2017.

OMS - Organização Mundial de Saúde. **Doença por Coronavírus (COVID-19)**. OMS, 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Departamento de Assuntos Sociais e Econômicos, Divisão de População. **World Population Prospects**, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Depression and other common mental disorders: global health estimates**. Geneva: WHO, 2017.

PAIVA, N; COSTA, J. **A influência da tecnologia na infância: Desenvolvimento ou ameaça?** (2016). Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>  
Acesso em: 13/05/2022.

PEREIRA DE BARROS, B.; *et al.* O Uso Excessivo Da Internet Por Jovens E Seus Danos Biopsicossociais: Revisão Da Literatura. **Revista Saúde**, v. 13, 2019.

PORTUGAL, A. F.; DE SOUZA, J. C. P. Uso das redes sociais na internet pelos adolescentes: uma revisão de literatura. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania**, Diversidade e Bem Estar-RECH, v. 4, n. 2, jul dez, p. 262-291, 2020.

REZENDE, T. C. **O uso de redes sociais se relaciona com um baixo rendimento acadêmico?** Revisão sistemática e estudo empírico. São Paulo, 2021.

ROBINS, R. W. *et al.* Global self-esteem across the life span. *Psychology and Aging*, v. 17, p. 423-434, 2002.

REY, L.; EXTREMERA, N.; PENA, M. Perceived Emotional Intelligence, **Self-Esteem and Life Satisfaction in Adolescents**. *Psychosocial Intervention*, v. 20, n. 2, p. 227-234, 2011.

SCHULTHEISZ, T. S. V.; APRILE, M. R. Autoestima, conceitos correlatos e avaliação. **Revista Equilíbrio Corporal e Saúde**, v. 5, n. 1, p. 36-48, 2013.

SOUZA, K.; DA CUMHA, M. X. C. Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 3, n. 3, p. 204-2017, 2019.

STEINBERG, L. **Adolescence**. 5. ed. Boston: McGraw-Hill College, 1999.

TRZESNIEWSKI, K.; DONNELLAN, M.; ROBINS, R. Stability of self-esteem across the life span. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 84, p. 205-220, 2003.

VIVEIRO, C. *et al.* **Os adolescentes e a Internet: padrões de (ab)uso**. *Adolesc. Saúde*, v. 11, n. 2, p. 7-18, 2014.

VOMMARO, P. **O mundo em tempos de pandemia: certezas, dilemas e perspectivas**. (2021). Disponível no site: <https://amenteemaravilhosa.com.br/transtornos-somatoformes/> Acesso em: 12/02/2023.

YOUNES, F. *et al.* **Internet addiction and relationships with insomnia, anxiety, depression, stress and self-esteem in university students: a cross-sectional designed study**. *PLoS ONE*, v. 11, n. 9, p. 1-13, 2016.

Submissão: maio de 2023. Aceite: junho de 2023. Publicação: agosto de 2023.